

# Jacó Guinsburg

Editor chefe da editora Perspectiva

---

Gênese Andrade

CARACOL: *Desde quando a Editora Perspectiva traduz literatura em língua espanhola?*

JACÓ GUINSBURG: Desde o início. O primeiro título foi *Os signos em rotação*, de Octavio Paz, em 1972. Publicamos dois títulos do Cortázar em 1974.

C: *Existe uma política geral da editora em relação à escolha de títulos de literatura em língua espanhola?*

JG: Não. Nós nunca tivemos um programa específico voltada para uma área ou outra, a não ser duas áreas em que realmente atuamos de um modo mais contínuo... Uma é o teatro e a outra a cultura judaica. Mas, o resto, na medida em que os projetos vão sendo apresentados, vamos fazendo, se cabem dentro dos critérios que utilizamos para escolha, nas nossas coleções. Para nós, as produções de todos os continentes e em todas as línguas são igualmente valorizadas. Editamo-las com todo prazer. Em relação à produção em língua espanhola, temos vários projetos em estudo e elaboração.

Interesse nesta cultura sempre houve de nossa parte, quer por intermédio do Haroldo de Campos, quer por outras vias, nos domínios que o nosso catálogo tem privilegiado, ou seja, os das humanidades, da crítica, inclusive o do teatro.

A editora no geral está aberta a propostas, dependendo naturalmente da qualidade e da oportunidade do texto. Às vezes o próprio tradutor sugere a obra e apresenta o projeto ou texto pronto. Na maioria dos casos, entregamos o trabalho a pessoas cujas qualificações atendem aos nossos critérios.

C: *Qual seria então a proporção entre títulos traduzidos de autores hispano-americanos e espanhóis? Isso tem se alterado nos últimos anos?*

JG: Se editássemos sobretudo ficção, essa proporção seria certamente mais expressiva. Atualmente cerca de 5% de nosso catálogo, que abarca quase

1000 títulos, são livros traduzidos do espanhol. Em todo caso, no que já saiu pela Perspectiva, figuram autores como Julio Cortázar, Octavio Paz, Ortega y Gasset, Jorge Glusberg, Mariano Sigman (neurocientista), Leonardo Senkman etc..., fora autores judeu-espanhóis do Medievo.

Suponho que essas obras sejam mais consumidas pelo público acadêmico, além de leitores que buscam os temas explorados pelos títulos em questão.

c: *Qual o papel das feiras de livros internacionais, como a de Frankfurt, por exemplo? Nesse sentido, a Flip cumpre um papel específico?*

JG: Essas feiras são importantes, é claro, não só para o mundo europeu. A globalização que elas permitem transparece, inclusive, em nossas bienais e mostras congêneres. Elas se constituem quase numa bolsa de valores em que as *commodities* literárias são leiloadas. Trata-se de grandes centros de negociação de direitos autorais e, eventualmente, de divulgação de obras e de autores, bem como de trocas de experiências na área tecnológica relacionada aos novos formatos de livros em dispositivos eletrônicos digitais. Mas, ao mesmo tempo, por sua própria natureza, adquirem o caráter de desfiles de moda, das feiras das vaidades – um caos para um olhar desprevenido.

É o papel que a Flip também desempenha sob o auspício das grandes editoras que podem arcar com o custo de seus destaques. Cabe, porém, reconhecer que, por outro lado, ao longo do tempo, na sucessão de suas “edições”, ela contribui para a relação editorial, literária, artística e turística da cultura e da produção brasileiras com os processos de internacionalização, mesmo no que elas têm de mais específico e regional... De todo modo, para os visitantes da Flip, há uma dupla vantagem: as conferências com os debates em meio à beleza colonial de Parati e o turismo marítimo, enfim um banho de espírito e de corpo...

C: *Em que medida intervém na política de tradução de títulos em espanhol a instalação crescente de multinacionais do livro no Brasil?*

JG: A pergunta tem que ser dirigida aos grandes editores, que devem estar preocupados porque inevitavelmente há competição imediata... Veja, se você pegar um livrinho meu que saiu há muito tempo chamado *Editando o editor*, publicado em 1989 por Plínio Martins Filho – produto de uma aula que eu dei no Curso de Editoração da ECA, e cuja gravação deu origem ao texto impresso –, poderá ler o seguinte (estou me citando): [...] no momento em que o mercado brasileiro for de interesse (é uma verdade palmar), as editoras internacionais entrarão aqui. Porque o cálculo das grandes companhias editoriais, da editora voltada primordialmente para o mercado... é uma coisa, o cálculo do pequeno editor é outro, são duas maneiras de colocar o problema, é evidente. A entrada delas constitui para as nossas grandes editoras como, por exemplo, a Record, a Companhia das Letras, um desafio, pois além do lastro internacional que trazem, elas também estabelecem uma competição no plano da produção literária nacional que pode tornar-se difícil. Mas, por outro lado também, na medida em que isso ocorre, em que há uma ampliação do mercado, isso é positivo também para os autores brasileiros, porque você não pode no mercado ser exclusivista, ter o monopólio. Vai trazer dificuldades sim. Vai trazer problemas e, principalmente, nas áreas que hoje estão mais ou menos concentradas em algumas empresas, que são as do livro didático. Pense no potencial de milhões de crianças e jovens nas escolas, e nas verbas públicas em jogo. Isso não é brincadeira.

Por outro lado, veja, na própria Espanha, França, Alemanha, Grã-Bretanha e Estados Unidos, além das grandes editoras, existe uma multidão de pequenas editoras, sem falar das universitárias, que realmente acabam exercendo até uma parte muito interessante na promoção e divulgação

da produção intelectual. Esta produção, em muitas áreas, não oferece atrativo mercadológico. A pergunta é a seguinte: a quem interessava editar a teoria da relatividade no início do século xx, e ainda hoje, senão a uma revista científica especializada? Proust foi recusado pela NRF, com parecer de André Gide, por não satisfazer os padrões de então. Ora, isso implicava também no problema da possível circulação e êxito do livro.

É claro que, no âmbito brasileiro, editoras como a Nacional, José Olympio, Difel e Zahar, entre outras, começaram como pequenas empresas, indo ao encontro de demandas culturais e literárias bastante circunscritas. Só com o sucesso nesse atendimento e, sem dúvida, por competência de administração, lograram chegar onde chegaram, tornando-se casas editoriais de grande porte. Isso não significa que toda editora deveria seguir, na sua evolução, os mesmos modelos, nem que a entrada de organizações estrangeiras e internacionais deva necessariamente constituir-se num mal. Para ser mais sintético, se trata das pontas de lança do imperialismo econômico e cultural. Os nacionais que estiverem no mesmo plano terão que enfrentá-las e isso terá um custo. Pois, você não entra em um duelo de esgrima sem saber manejar o florete...

Por outro prisma, o ingresso de publicadoras espanholas deverá, naturalmente, aumentar o percentual dos títulos dessa origem que venham a ser vertidos para o nosso vernáculo, com o benefício de nosso repertório literário e/ou científico, tanto quanto os malefícios de uma produção massificada. Cabe, entretanto, assinalar que pode haver uma contrapartida positiva na exportação de autores nacionais para países de língua espanhola. É possível ainda pensar que o fato de a língua espanhola ter-se tornado disciplina obrigatória no Curso Médio representará um fator de incremento das publicações tanto didáticas quanto gerais, o que naturalmente redundará em ampliação das traduções de obras desta língua.